



**EXTREMOS DO CORPO: ESCRITA, FALHA E INSCRIÇÃO COMO
CARTOGRAFIA VIVA**

***EXTREMOS DEL CUERPO: ESCRITURA, FALLA E INSCRIPCIÓN COMO
CARTOGRAFÍA VIVA***

Bernardo Guterres¹
UFSM
Associado/a/e ANPAP: NÃO

Rosa Maria Blanca²
UFSM
Associado/a/e ANPAP: NÃO

RESUMO

Este artigo parte de uma pesquisa sobre uma escrita realizada com o corpo em condições de instabilidade: fragmentos escritos à mão em deslocamento, sobre superfícies improvisadas e em posições não convencionais. Através de uma cartografia performativa e sensível (Rolnik 2006; Guattari, 2005), investiga-se como um corpo dissidente escreve em meio a extremos climáticos, subjetivos e políticos. A escrita aqui não é apenas linguagem, mas gesto e presença, propondo-se como ação estética, política e metodológica no campo das artes visuais. Conclui-se que a escrita performática pode operar como forma de existência e de resistência, articulando corpo, linguagem e paisagem.

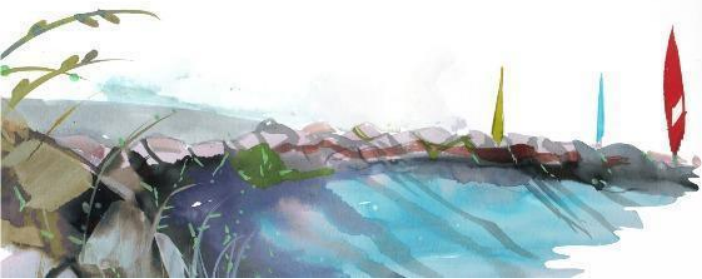
Palavras-Chave: corpo; escrita de si; performance; gesto; cartografia

RESUMEN

Este artículo se basa en una investigación sobre un escrito realizado con el cuerpo en condiciones de inestabilidad: fragmentos escritos a mano en movimiento, sobre superficies improvisadas y en posiciones no convencionales. A través de una cartografía performativa y sensible (Rolnik; Guattari, 2005), se investiga cómo un cuerpo disidente escribe en medio de extremos climáticos, subjetivos y políticos. La escritura aquí no es sólo lenguaje, sino también gesto y presencia, proponiéndose como acción estética, política y metodológica en el campo

¹ Graduando em Artes Visuais-Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Graduando em História-Licenciatura pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: berguterres@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9622089439469830>

² Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFSM), possui Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC, 2011), Doutorado sanduíche na Universidad Complutense de Madrid (2010), Mestrado em Artes Visuais (UFRGS, 1999). Publicou a poética artística *A Trânsfuga: Uma Poética da Projeção de Si*, em Conversações Anpapianas (2019). <http://lattes.cnpq.br/2502746878890998> - <https://orcid.org/0000-0001-9100-4266>



de las artes visuales. Se concluye que la escritura performática puede operar como forma de existencia y resistencia.

PALABRAS CLAVE: *Cartografia. Cuerpo. Escritura de sí. Gesto. Performance.*

Introdução

Este trabalho surge da pesquisa de uma escrita feita com o corpo, uma escrita manual, vacilante, sensível, realizada em deslocamento, em superfícies improvisadas, fora do lugar instituído da escrita disciplinada. A proposta investiga os extremos vividos por um corpo dissidente que escreve: o cansaço, o frio, o desconforto, mas também o desejo, o riso e a alegria de se ver inscrito.

Ao me debruçar sobre essa escrita em movimento, percebo que o que se inscreve no papel é mais do que palavra: é o clima, o chão, o vento, a ausência de apoio, as afetações dos contextos. Escrevo quando o corpo está instável, quando a caneta falha, quando o frio aperta a pele. A escrita acontece no limite. E é justamente nesses limites físicos, subjetivos e políticos que o corpo se revela como território vulnerável e insistente.

O corpo que escreve em desequilíbrio se conecta a um mundo em desequilíbrio. As enchentes, os desastres climáticos, a insegurança alimentar, o avanço da destruição ambiental e da violência política formam o pano de fundo extremo que nos atravessa. Este trabalho, ao registrar a escrita em situações de limite cotidiano, aproxima os gestos individuais da paisagem coletiva: cada fragmento escrito é também um eco dos tempos urgentes que vivemos.

É isso que me move: a necessidade de traçar, com o corpo inteiro, uma escrita que não apenas fale sobre, mas que aconteça junto. Uma escrita que seja gesto, presença e invenção. Como artista trans, pesquisador e professor, escrevo não apenas para comunicar, mas para existir. Pergunto-me o que acontece quando uma pessoa dissidente se escreve em deslocamento, o que muda na linha, no corpo, no mundo?



A partir dessa pergunta, o trabalho que apresento contribui com o campo das Artes Visuais ao propor uma metodologia poética e performativa, na qual o gesto da escrita torna-se ato político e sensível. Os fragmentos analisados articulam práticas da performance, da escrita de si, da cartografia e da fotografia, do desenho da linha, compondo uma obra expandida onde linguagem e corpo se atravessam.

Trata-se de uma cartografia viva, onde gesto e linguagem se entrelaçam para dar forma a uma subjetividade que se afirma em meio à crise. Ao escrever com o corpo, um corpo dissidente, exposto e insistente, realizo um ato que é, simultaneamente, poético e político: a escrita não é apenas registro, mas ação. Um gesto de presença que não se dobra às normas, mas se dobra para continuar. Um traço que conecta o íntimo ao coletivo, o corpo à paisagem, a escrita ao mundo em ruínas.

Este trabalho não parte de um método fixo, mas de uma escuta em movimento

A escrita que aqui se apresenta não é apenas linguagem organizada em frase: é gesto, é corpo, é acontecimento. Para compreender os fragmentos visuais e gestuais que compõem este ensaio, lanço mão de um percurso teórico que articula a escrita de si, a cartografia, a performatividade e o gesto como categorias críticas e sensíveis. Esta não é uma pesquisa sobre uma experiência; é a experiência em si pensada como linguagem.

Inspirado pela proposta foucaultiana da escrita de si (Foucault, 2006), compreendo que escrever não é apenas relatar algo sobre o sujeito, mas um modo de formar-se no gesto da inscrição. Como prática de subjetivação, a escrita de si exige a presença do corpo: ela é uma dobra entre a experiência e a linguagem, entre o dentro e o fora. Escrever é exercitar um modo de estar no mundo. No contexto deste trabalho, essa escrita se dá pela mão, mas também pelo joelho, pelo ombro, pelo desconforto e pelas afetações sentidas no corpo.

A escrita aqui não é ferramenta neutra, mas corpo em operação, gesto que traça uma linha sensível entre dentro e fora. Para acompanhar essa prática, recorro à cartografia como modo de pesquisa: não um mapa que representa, mas um processo que se deixa afetar, que se produz junto com quem observa. Como propõe Suely Rolnik



(2006), cartografar é se colocar em estado de vibração com o mundo, deixando que o método se faça na travessia. A cartografia é, assim, um exercício ético-estético de escuta, de atenção ao que pulsa e o corpo que escreve é, ele mesmo, uma superfície de captação dessas pulsações.

Com Félix Guattari (2005), aprendo que a subjetividade não é um dado estático, mas uma produção em constante devir. O corpo, ao escrever, não apenas relata experiências passadas, mas fabrica modos de existir. A escrita, nesse contexto, é um ato de invenção, de resistência e de criação de si. Cada gesto de escrita performática é, ao mesmo tempo, documento e transformação, traço e ruptura. É nesse sentido que este trabalho entende o corpo escrevente como uma máquina cartográfica, um corpo-linha que inscreve sua própria reinvenção.

A escrita realizada com o corpo, sobre superfícies improvisadas, em contextos instáveis e deslocados, é também uma forma de intervenção no espaço, na linguagem, no próprio gesto de pesquisar. Aqui, o método se dobra junto ao corpo, hesita, falha, inventa-se à medida que avança.

A escrita performativa de Paul Preciado (2017) é feita de fluxos, desvios e excessos, e inspira este trabalho a assumir também suas falhas, seus vazamentos e suas impurezas. A cartografia aqui proposta é encarnada, dissonante e desviada. Escrevo com o corpo como quem desobedece: escrevo fora da cadeira, fora da norma, fora do lugar. Cada fragmento manual torna-se linha de fuga, uma forma de afirmar presença em meio à desautorização.

Ao pensar o gesto da escrita como uma operação cultural e corporal que produz sentido, Flusser (2007) permite entender que a escrita à mão não é apenas técnica, mas expressão. Seu ritmo, sua pressão, sua interrupção, tudo isso comunica. Escrever, especialmente fora do contexto controlado da mesa, é reconduzir a linguagem para o corpo. É performar o pensamento com a carne. Assim, ao analisar os fragmentos deste ensaio, observo tanto o que é dito quanto o modo como é dito: o gesto é o texto.



Ao considerar a escrita como performance, alinho o olhar analítico às condições de emergência do texto. Isso significa que não é apenas o conteúdo dos fragmentos que importa, mas o contexto de sua escrita: o lugar, a posição, a temperatura, o som ambiente, o cansaço, o desejo, a urgência. Tudo isso configura a escrita como gesto.

Escrever, neste contexto, é também intervir nos dispositivos de normatização do corpo (Preciado, 2018). Quando um corpo dissidente escreve com a mão, ao relento, no meio do mato, ou sobre o próprio joelho, esse gesto carrega uma potência política: é um corpo que se reinscreve, que desafia o silenciamento e que insiste em existir como linha.

Portanto, a análise dos fragmentos não parte de um comando ilustrativo ou representacional, mas de uma escuta atenta do gesto como acontecimento. O modo de escrita aqui é sensível, situado e encarnado. Observar a inclinação do corpo, a tensão do traço, o ruído da caneta, é também ouvir o que o corpo diz quando escreve. E mais: é pensar a escrita como um lugar onde arte, política, existência e criação se cruzam.

Essa pesquisa não se pretende neutra ou objetiva. Ela é gesto, risco, aproximação. É uma escrita que se deixa afetar e que, ao mesmo tempo, produz afetação. Um modo de pesquisar que pulsa junto com o que investiga, porque pesquisa, aqui, é também vida em obra.

Ao longo das páginas seguintes, cada fragmento visual é acompanhado de um breve texto que não explica, mas tenciona, amplia, aproxima. A linha escrita à mão, aliada à imagem do corpo em ato, forma uma cartografia viva, onde o texto não apenas significa, mas também vibra. É nessa vibração que se inscreve o movimento deste estudo.

A escuta atenta à vibração da escrita

Escrever, neste processo, mais do que produzir um texto, é produzir existência. Cada gesto de escrita manual carrega em si a vibração do momento em que foi feito: o lugar, o corpo, a superfície, o afeto. O que se inscreve no papel não é apenas palavra, mas



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

clima, cansaço, lembrança, posição, silêncio. Os fragmentos que se seguem não surgem como ilustração do ensaio, mas como parte viva dele, são rastros de uma escrita em deslocamento, em desequilíbrio, feita entre pausas e urgências. Cada fotografia apresenta um corpo em ação; cada escrita, um acontecimento. Estes fragmentos, acompanhados por breves reflexões, compõem uma cartografia sensível onde o corpo escreve, hesita e insiste.



Imagem 01. Foto do ato da escrita nomeado como: [Fragmento 01 | O corpo na praça]



Neste fragmento (Imagem 01), escrevo sobre o joelho, com o caderno pequeno apoiado de forma improvisada na coxa. Estou na pracinha do Mallet¹, a mesma onde estive muitas vezes quando criança. Escrever aqui hoje, como artista e pesquisador, é também me encontrar com essa criança que fui. O chão da praça ainda é o mesmo, mas o corpo que escreve já não é. Ele passou por deslocamentos, silenciamentos e reinvenções. Sento no mesmo lugar, mas agora escrevo como quem devolve a si mesmo uma memória, não uma memória arquivada ou neutra, mas uma relação sensível, social e afetiva com o passado. Como propõe Mauro Koury (2017), a memória é sempre atravessada pela experiência emocional e pela possibilidade de reelaboração: ela permite ao sujeito recompor sua história, redesenhando laços e narrativas de si. Essa escrita, então, é menos um relato e mais uma escavação viva: inscrevo uma memória no lugar que a moldou e a negou, como quem redesenha os contornos da própria existência.

O sol da tarde toca meu braço; a caligrafia, ainda firme, vacila com o peso do corpo inclinado. A posição desconfortável revela-se potente: a instabilidade vira gesto. Neste instante, escrever não é apenas registrar, é escavar memória, é convocar o corpo para inscrever presença. A pracinha é pública, mas o gesto é íntimo. A escrita, feita sobre o joelho, se torna testemunho silencioso de um corpo que retorna e se reinscreve no espaço que o moldou e, por vezes, o negou. Aqui, a linha escrita é também uma linha do tempo: uma linha que volta, que dobra, que insiste (Imagem 01).

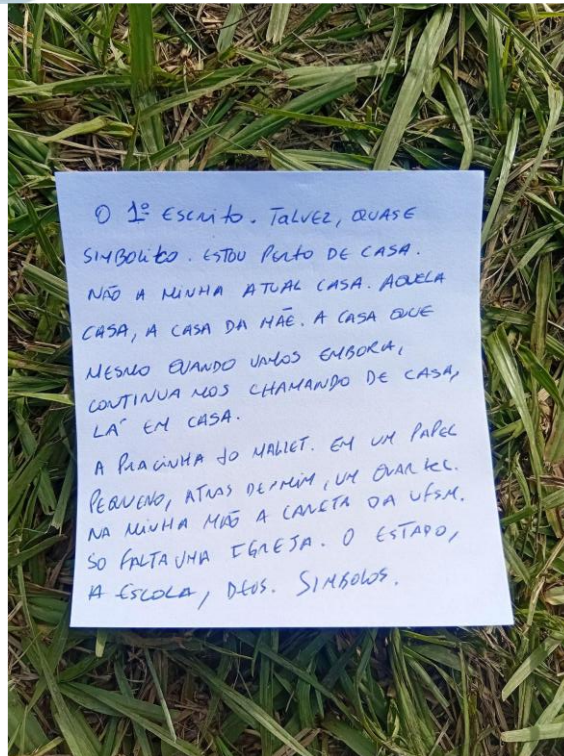


Imagem 02. Foto do escrito nomeado como: [Fragmento 01 | escrito sobre o joelho, 2025]

Este primeiro fragmento emerge da confluência entre corpo, memória e território. Ao escrever apoiado sobre meu próprio corpo, gesto que já anuncia a insuficiência de superfícies instituídas, a necessidade de encontrar outros apoios. O joelho funciona como uma mesa precária, mas firme. O chão é grama, o entorno é infância. Há uma sobreposição entre tempo e espaço: a pracinha onde brincava, o caminho de casa, a casa que já não habito. Tudo se inscreve no gesto de escrever.

Os símbolos se misturam: escola, igreja, Estado. A escrita hesita entre pertencimento e desconforto, entre memória e crítica. Escrever aqui é um ato de reinscrição territorial: reinscrevo com meu corpo em um espaço do passado.

O fragmento carrega uma delicada violência simbólica: escrever ali, naquele chão da infância, depois de todas as rupturas, transições, exclusões e atravessamentos. É devolver ao espaço um corpo que mudou. A escrita torna-se um gesto de devolução e de afronta, de permanência e invenção.



A escrita à mão, feita sobre o corpo, mostra que não há gesto neutro: o corpo escreve de onde está, e de onde vem. E nesse caso, escrevi, não lá, mas perto de onde tudo começou.

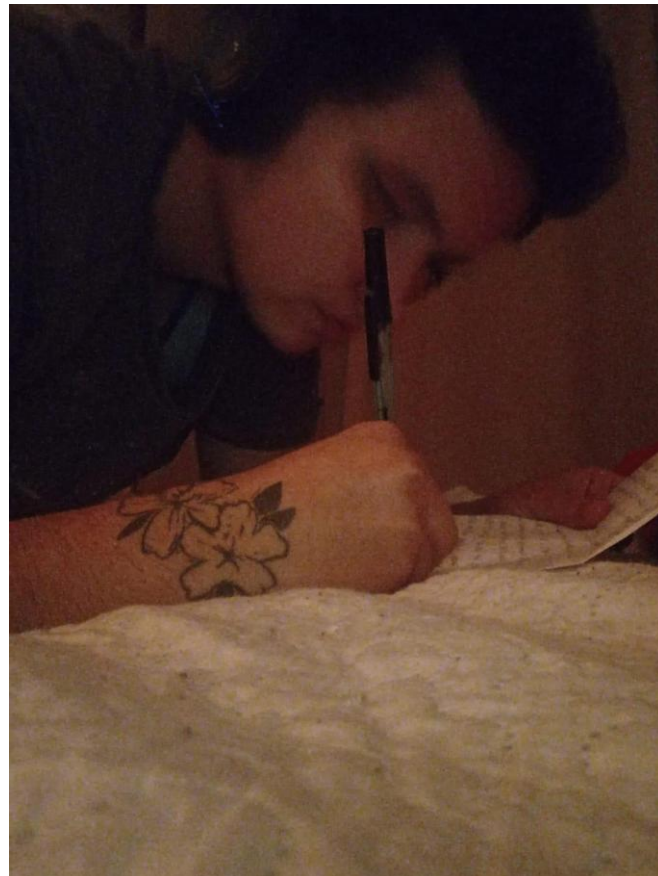


Imagem 03. Foto do ato da escrita nomeado como: [Fragmento 2 | Escrevo sobre a cama]

A escrita sobre a cama traz à tona um tipo de vulnerabilidade que não é apenas física, mas afetiva (Imagem 03). O lugar da intimidade, do descanso, do desarme, torna-se, aqui, campo mental. O corpo ali não está performando para ninguém, exceto para si. Não há pose, não há plateia. Só o peso do próprio corpo sobre o lençol. A instabilidade da superfície está em sintonia com a instabilidade do próprio corpo que escreve. Nada está firme. Tudo é movimento.

O fragmento marca uma espécie de virada na relação com a escrita. Não se trata mais apenas de registrar uma sensação localizada, mas de refletir sobre o próprio



processo. A escrita emerge como acontecimento, mas também como conceito. O pensamento não é elaborado antes, mas no gesto. A subjetividade se inscreve junto com a letra.

Escrever aqui, deitado, com o corpo curvado e a cabeça quase encostando no papel, lembra o gesto de cochilar sobre os próprios pensamentos. A escrita não é mais um sistema de comunicação, mas uma respiração. O fragmento evidencia que escrever é também se escutar. E que há ideias que só emergem no silêncio entre a cabeça e o travesseiro.

A posição da escrita, a superfície da cama, o calor do quarto: tudo isso interfere na forma da letra e no que ela pode dizer. O corpo, então, não apenas escreve, ele edita, dobra, hesita e conduz o pensamento pela pele do papel.

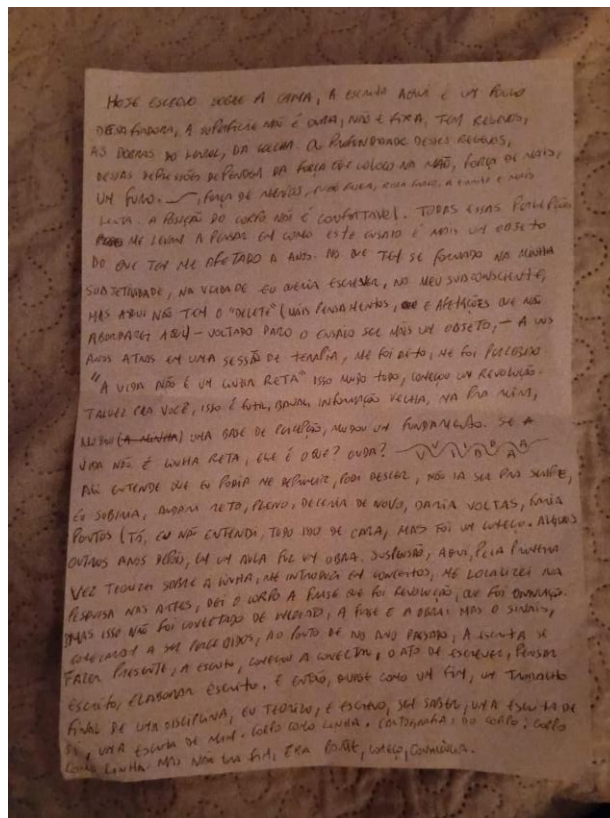


Imagem 04. Foto do escrito nomeado como: [Fragmento 2 | Escrito sobre a cama]



O fragmento escrito sobre a cama é longo, denso, reflexivo (Imagem 04). Nele, o corpo reflete sobre si, sobre suas camadas, sobre o cansaço e a escuta, sobre o próprio gesto de escrever. O texto mistura confissão, pensamento e memória, é uma escrita de si (Foucault, 2006) que não se pretende linear nem definitiva, mas processual.

A escrita revela marcas da hesitação e do excesso: há sobreposições, correções, trechos riscados e retomados. A superfície ondulada do colchão impacta na instabilidade da letra, que varia entre o controle e o desvio. O pensamento parece nascer da própria mão, ele não vem pronto, ele se constrói no contato com o papel, no encontro entre desejo e corpo.

Esse manuscrito é também uma escrita do tempo: ele rememora sessões de terapia, traumas antigos, formulações sobre a escrita e a subjetividade. Ao fazer isso, costura experiências pessoais com reflexões que tocam o campo da arte e da escrita contemporânea. O traço não é apenas caligrafia, ele é memória, imagem emocional, ação sensível.

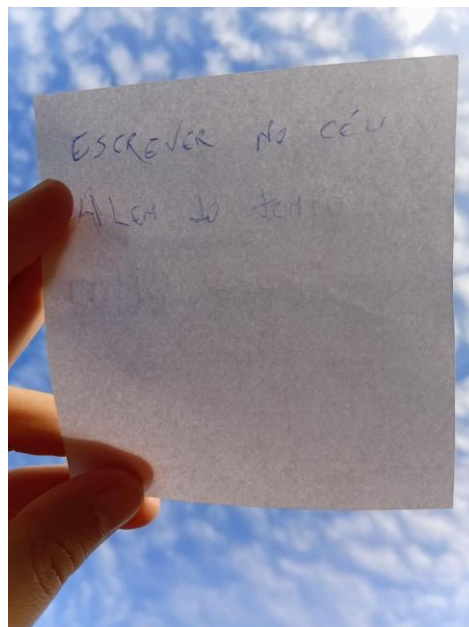


Imagem 05. Foto do escrito nomeado como: [Fragmento 03 | A escrita no céu]

Não há registro do gesto da imagem 05. O corpo não aparece. Apenas a mão segurando um papel contra o céu azul. A frase escrita, quase apagada, diz: “Escrever



no céu. Além do tempo...” Mas já não se lê com clareza. A caneta falha. A tinta acaba. O sol bate forte.

O gesto é breve, mas cheio de intenção. Com o braço erguido, escrevo sem apoio, com o papel solto ao vento. O céu como fundo. O corpo, tensionado. Escrever ali é um risco no ar, no tempo, na linguagem. A escrita se apaga à medida que surge. O esforço de escrever contrária a matéria. Não há superfície firme, nem conforto, nem sombra. Apenas luz demais, altura demais, instabilidade demais.

Essa ausência do corpo na imagem não é acaso. Ela revela o extremo: o corpo em desaparecimento, o corpo que não se mostra, o corpo que se faz só gesto e quase voa. Escrever contra o céu é escrever contra a própria finitude da escrita. A frase se esvai, a imagem não retém. O que resta é o rastro: falho, leve, quase ilegível.

A escrita quase não aparece na imagem. As palavras estão lá, mas diluídas. A tinta falhou, o traço hesitou, a luz ofuscou. E ainda assim, é ali que a escrita se afirma: *escrever no céu* é uma tentativa impossível, e por isso mesmo, tão potente.

Este fragmento carrega a dimensão mais efêmera do projeto: ele não se sustenta no tempo, não se fixa na superfície, não se afirma pela permanência. É falha, é tentativa, é vapor. Ainda assim, diz muito. Porque mesmo falhando, o gesto insiste. Mesmo sumindo, a presença se inscreve.

Aqui, a escrita de si se dá como sopro. Como traço que se apaga antes mesmo de ser lido. Como presença que se nega ao arquivo. E é talvez esse gesto, escrever onde não há onde escrever, que mais intensamente afirma a urgência de se inscrever no mundo.

Considerações finais

Este trabalho nasceu da experiência de escrever com o corpo em situações limite. Cada fragmento apresentado aqui é mais do que um vestígio de tinta sobre o papel: é um acontecimento. Um gesto que não apenas comunica, mas se inscreve como existência.



Ao longo dos fragmentos, vimos um corpo que escreve apoiado em si mesmo, em desequilíbrio, sob a pressão do chão duro ou da cama mole. Um corpo que escreve sem apoio, contra o céu, enquanto o traço falha. Esses gestos, improvisados e insistentes são formas de subjetivação em ato. Como propõe Michel Foucault (2006), escrever de si não é confessar, mas fabricar-se no gesto.

A escrita, aqui, não nasce da estabilidade, mas da fricção. Do desconforto físico. Da falha do apoio institucional. Da ausência de certezas. Ela emerge de um corpo dissidente, atravessado por normas, silenciamentos e também por potências. Como aponta Judith Butler (2003), o corpo não é uma essência, mas uma prática performativa. Escrever com ele é desobedecer.

Paul B. Preciado (2018) nos convida a pensar o corpo como tecnologia política e esta proposição insiste justamente em fazer da escrita um modo de hackear essa tecnologia. Uma escrita que não se reduz à estética da norma, mas que produz uma ética da presença: uma poética do risco, da falha e da insistência.

Se a arte, como sugere o tema “Extremos”², deve responder às urgências do tempo, então este ensaio responde não com respostas, mas com rastros. Marcas feitas à mão, com o corpo inteiro, nos interstícios da vida cotidiana. São pequenos gestos, fragmentos dispersos, que desenham uma cartografia viva da experiência em tempos de crise.

Assim, escrever à mão, fora do lugar seguro, é uma forma de pensar com o corpo e pensar contra a norma. É criar uma imagem da escrita como gesto político e poético, em que o corpo se reinscreve, mesmo (ou justamente) em sua sensibilidade.

Este trabalho não termina aqui. Ele continua cada vez que alguém se vê atravessado por uma linha torta, por um traço que hesita, por uma palavra que nasce fora do lugar. Escrever, afinal, é seguir com o corpo.



Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FLUSSER, Vilém. **A escrita: há futuro para a escrita?**. São Paulo: Annablume, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1981–1982)**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Fotografia e memória**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, [S. l.], v. 16, n. 47, p. 75–81, ago. 2017.

PRECIADO, Paul B. **Cartografias queer: o flâneur perverso, a lésbica tofóbica e a puta multicartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com Annie Sprinkle**. Performatus, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017.

PRECIADO, Paul B. **Testo yonqui: sexo, drogas e biopolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Notas

¹ Refere-se à Praça General Osório, também conhecida como Praça do Mallet, localizada na Rua Marechal Hermes - Passo D'areia, Santa Maria - RS

² O tema "Extremos", proposto no 34º Encontro Nacional da ANPAP, convida artistas e pesquisadores a refletirem sobre os desafios contemporâneos em tempos de crise climática, desigualdades e tensões políticas, convocando as práticas artísticas a responderem com invenção e sensibilidade a essas urgências.